

Vivas à Liberdade
A saga heróica da insurreição em Viana
Coleção Negro Cosme

São Luís/Maranhão
2ª Edição – dezembro de 1998

EXPEDIENTE

Publicação

Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN-MA)

Colaboradores

Sociedade Maranhense de defesa dos Direitos Humanos – SMDDH
(Projeto Vida de Negro).

Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão (ACONERUQ)

Literatura de cordel

Texto: Magno Cruz

Arte capa: Emerson Melo (Pig City – Ganna)

Publicação do “Projeto Vida de Negro” do
Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN)
Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH)

* Baseado na obra: Insurreição de Escravos em Viana – 1867; de Mundinha Araújo em 1994.

Diagramação e design da versão digital: Etnia Design

E-book disponível no site www.ccnma.org.br

E-mail: ccnma@ccnma.org.br

Contato

Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN-MA)

Rua dos Guaranis, s/nº - Barés – João Paulo

65040.630 – São Luís/MA

(98) 243-9707 / 249-4938

APRESENTAÇÃO

O poeta e militante do Movimento Negro Magno Cruz relata em forma de Literatura de Cordel um dos acontecimentos marcantes da história do negro no Maranhão, ocorrido em 1867 no município de Viana.

A insurreição de Escravos aqui narrada foi organizada e deflagrada pelos quilombolas que habitavam no São Benedito do Céu, famoso quilombo, localizado nas cabeceiras do rio Bonito, braço do rio Turi, a três dias e meio de viagem a pé de Viana.

Ao deixarem o quilombo, armados e organizados em pelotões, pretendiam guerrear com os brancos com a finalidade de obter a **liberdade dos cativos**, e para intimidar as autoridades ocuparam diversas fazendas de Viana; tomaram como reféns, senhores e administradores e receberam a adesão da escravatura; tornando-se assim um movimento assustador, pois os negros percorriam as estradas dando vivas à Liberdade e no ultimato enviado às autoridades diziam que estavam em campo a tratar da liberdade dos cativos e caso não a obtivessem lançariam mãos das armas.

O movimento insurrecional foi debelado; o quilombo São Benedito foi batido por tropas do governo Provincial e dos municípios de Viana, São Vicente de Férrer e São Bento, no entanto a luta dos quilombolas continuou, estimulando novas fugas e a formação de novos quilombos.

A luta dos negros na zona rural teve continuidade após a Abolição, até os dias atuais, a fim de permanecerem nas terras de pretos regadas com sangue e suor dos africanos e seus descendentes.

Mundinha Araújo

São Luís, 2002

Dedicamos...

O Centro de Cultura Negra do Maranhão, no ano de seu 23º aniversário, e por ocasião da VI Semana Negro Cosme, dedica esta publicação em Literatura de Cordel, a todo (a)s quilombolas do Maranhão - rurais e urbanos - e, em especial aos moradores e moradoras dos quilombos do município de Viana-MA, onde, certamente estão o(a)s descendentes de heróis e heroínas que construíram a INSURREIÇÃO NEGRA em 1867, agora, portanto, completando 135 anos.

A COORDENAÇÃO GERAL DO CCN
Ana Amélia Campos Mafra
Ivan Rodrigues Costa
Maria do Socorro Guterres

VIVAS À LIBERDADE

(A SAGA HERÓICA DA INSURREIÇÃO NEGRA EM VIANA)

1.

Ouçam aqui, galeras negras
Uma história vou contar
Usem de todas as maneiras
Pra ouvir e perguntar

2.

Vou falar da Insurreição
Que teve lá em Viana
No tempo da escravidão
Que agora vem na lembrança

3.

Professor "Jamaicano"
Me desculpe interromper
Mas, vá me explicando
Insurreição é mesmo o quê?

4.

A insurreição é parecida
Como a massa se revoltar
Ser rebelde e atrevida
E humilhação não aceitar

5.

Era tempo de guerra
E o recruta vai-que-vai
Sem querer deixar a terra
Pra lutar com o Paraguai

6.

Índios atacam plantações
Negros ameaçam senhores
Com fugas, quilombações
Causando pânico, horrores

7.

Trabalharam tantos anos
Sem um centavo ganhar
Sofrendo e apanhando
Pra granfino enricar

8.

Era tanta injustiça
Que a revolta explodiu
A massa escrava fugia
Tal e qual nunca se viu

9.

Os bacanas amedrontados
Deixavam suas fazendas
E os negros rebelados
Cobravam suas duras penas

10

Já fazia muito tempo
Da Guerra da Balaiada
E a alma de Cosme
Bento Incitava a negrada

11

E aos trancos e barrancos
Com tantas necessidades
Negros surravam brancos
Dando vivas à liberdade

12.

Julho de sessenta e setembro
Centenas de quilombenhos
Saem do Quilombo-Sede
E ocupam vários Engenhos:

13.

Santo Inácio foi primeiro
Santa Bárbara, o segundo
Engenho Timbó, o terceiro
Aonde conseguem chumbo

14.

Em Vila Nova de Anadia
Rápidos como buscapé
Recolhem mercadorias
E pernoitam em São José

15.

O medo correu reigões
Da Baixada do Ocidfente
Pinehrio, Alcântara, Guimarães
Santa Helena e São Vicente

16.

A Fazenda Santa Bárbara
Virou quartel-general
Os negros viraram cabras
De um exército sem igual

17.

Compete então o comando
Ao líder negro Daniel
Vindo lá do Quilombo
São Benedito do Céu

18.

Um ofício foi escrito
Por Daniel e João Mulato
LIBERDADE PROS CATIVOS
Esse era o ultimato

19.

Nós vamos Viana invadir
Usando mil armas de fogo
Se o governo não cumprir
Dos negros ficarem forros

20.

Professor, me fale mais
Daquele Quilombo pra mim
Quero contar pros meus pais
Dizendo tim-tim por tim-tim

21.

No São Benedito constava
Além da organização militar
Pra lá de oitenta casas
E a negrada a trabalhar

22.

Tinha muita criação
De galos e de galinhas
Plantio de cana e algodão
Muito arroz, muita farinha

23.

Cinco fornos, três engenhos
Três alambiques de barro
Dois teares a contento
Isso eu li e agora narro

24.

Até tenda de ferreiro
Havia naquele Quilombo
E setecentos mocambeiros
Construindo um novo mundo

25.

Alguns homens do Quilombo
Buscavam ouro também

Pra trocar em vários cantos
Por pólvora e outros bens

26.

Era quase sete dias
Pra Mina Maracaçumé
E quem a roça garantia?
Eram criança e mulher

27.

Mas, voltemos à caminhada
Da gloriosa Insurreição
Planejada e iniciada
Nesse Quilombo então

28.

Foi lá de São Benedito
Que partiram batalhões
Comandados e regidos
Pêlos seguintes capitães:

29.

Daniel, Bruno, Joaquim
Feliciano Corta-Mato
Que tinham por nobre fim
Libertar o povo escravo

30.

O Governo tentou abafar
O que em Viana acontecia
Mas a notícia foi ao ar
Espalhando a rebeldia

31.

O presidente Menezes Doria
Da Província do Maranhão
Aparece nesta história
Comandando a repressão

32.

Ordenou às autoridades
Da Região da Baixada
Pra cercear a liberdade Da massa
indignada

33.

A repressão resultou
Em morte e até prisões
Grande parte escapou
Voltando prós seus rincões

34.

Sem conseguir escapar
Foi pego o Feliciano
Que teve que ensinar
O caminho ao Quilombo

35.

A polícia na chegada
No Quilombo São Benedito
Só prendeu uma criança
No relatório está escrito

36.

Sem ninguém para prender
Nas casas tocaram fogo
Sem nada para comer
Regressaram no sufoco

37.

Estava assim "acabada"
A heróica Insurreição
Mas continuou a negrada
A praticar suas ações

38.

São Benedito do Céu
Foi de novo ativado
Resistindo ao fogaréu
De cento e tantos soldados

39.

Surgiram outros quilombos
E audaciosos mocambeiros
Deixando os soldados tontos
E apavorando fazendeiros

40.

Dez anos após os combates
Os "cabeças" da Insurreição
Estavam na linha de ataque
No Quilombo São Sebastião:

41.

Feliciano, Bruno, Daniel...
Quilombolas e guerreiros
E, mesmo acusados de réus
São nossos heróis verdadeiros

42.

A luta pela Abolição
Com a Insurreição em Viana
Teve aqui no Maranhão
O acender de uma chama

43.

Cabe a negrada nova
Manter a dignidade
Das lutas dos quilombolas
DANDO VIVAS À LIBERDADE!